



ENTREVISTA

“Pode ser a diferença entre viver ou morrer”

Carmo Fonseca

Próf. do Inst. de Medicina Molecular da Universidade de Lisboa



Que doenças devem fazer parte do rastreio neonatal?

Há muitas doenças raras em que o tratamento é sintomático e onde apenas é possível minorar os sintomas e, por isso, não se justifica fazer o rastreamento. Há outras, também raras, em que existe tratamento e é possível fazer com que as crianças tenham uma vida quase normal. Em Portugal, já se rastreia muito, mas é preciso continuar a rastrear ainda mais doenças porque no teste do pezinho pode estar a diferença entre uma criança viver ou morrer.

A qualidade de vida consegue-se através do tratamento precoce?

O que faz a diferença entre ter uma vida normal ou sofrer com a doença é a altura em que a doença é diagnosticada e aquela em que começa o tratamento. Quanto mais cedo for diagnosticada a doença, e quanto mais cedo começar o tratamento, melhor será a vida da criança.

Defende a introdução da AME no rastreio?

Sem dúvida. É possível rastrear, há evidência científica mas falta resolver a burocracia. Foi criada uma aliança europeia que pretende sensibilizar os países para o rastreio da AME. Os Países Baixos, Alemanha, Noruega, Sérvia, Polónia e Eslovénia já rastreiam a atrofia muscular espinhal, e na Alemanha, em 180 mil bebés que nasceram em 14 meses, diagnosticaram a doença a 25 crianças. ●